

## **ALIENAÇÃO E SOCIEDADE EM TRABALHOS DE PESQUISADORES CONTEMPORÂNEOS NO CAMPO DA TEORIA DA ATIVIDADE.**

Karyn Meyer, Newton Duarte. – Educação – Pedagogia –Departamento de Psicologia da Educação – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara.

Este trabalho de Iniciação Científica articula-se a uma pesquisa mais ampla intitulada A Teoria da Atividade e a Educação na Sociedade Contemporânea, a qual vem sendo desenvolvida pelo Prof. Dr. Newton Duarte com bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq no período de março de 2005 a fevereiro de 2008, tendo por objetivo principal analisar a Teoria da Atividade em seu potencial para se constituir num referencial teórico multidisciplinar para estudos e pesquisas em educação (Duarte, 2004, p. 1).

Os objetivos do presente trabalho são: 1) Analisar obras contemporâneas da Teoria da Atividade, verificando a presença ou ausência nas mesmas do tema da alienação; 2) Comparar a concepção de sociedade existente nos autores contemporâneos e nos autores clássicos da Teoria da Atividade.

O aparecimento da Teoria da Atividade foi consequência de um esforço no sentido de se estabelecer uma psicologia baseada no materialismo histórico-dialético. Dentre os representantes desta corrente encontram-se os soviéticos Vigotski, Luria, Leontiev e outros. Trabalho, objetivação, apropriação e alienação são conceitos centrais nesta teoria. Tais conceitos têm sua origem na obra de Marx e, portanto, a Teoria da Atividade precisa ser estudada como uma teoria marxista.

Foi por meio do trabalho que ocorreu a hominização dos antepassados do homem. Com o surgimento e o desenvolvimento do trabalho, as estruturas psíquicas do homem se modificaram, o cérebro se hominizou, ou seja, o trabalho criou a consciência do homem.

Segundo Leontiev (1978) a existência entre os primatas de formas suficientemente desenvolvidas de vida em comum foi uma condição fundamental para o aparecimento do trabalho.

Por meio do trabalho, o homem relaciona-se com a natureza, agindo sobre ela a fim de dar-lhe uma forma útil à sua vida. Nesse processo ele modifica a natureza e a si mesmo desenvolvendo suas faculdades.

Há dois elementos fundamentais ao trabalho, sendo um deles o uso e o fabrico de instrumentos, e o outro a realização do trabalho em condições de atividade comum coletiva, sendo que, nesta atividade, o homem não se relaciona apenas com a natureza, mas também com outros homens. Dessa forma, o trabalho é mediado pelo instrumento e pela sociedade. (LEONTIEV, 1978, p. 73-75)

A atividade animal é sempre orientada para objetos que satisfaçam de forma imediata a necessidade biológica que orienta essa atividade, deste modo seu objeto sempre coincide com seu motivo biológico (MARKUS, 1974 e LEONTIEV, 1978).

Com o trabalho, atividade coletiva, o objeto da atividade deixa de coincidir com seu motivo biológico, a atividade se divide em ações, que são processos cujo objetivo não coincide com o motivo de forma imediata. Desta maneira, a atividade dos outros homens passa a constituir a “base material objetiva da estrutura específica da atividade do indivíduo humano”. (LEONTIEV, 1978, p. 78). A atividade do homem é submetida a relações sociais desde sua origem (LURIA, 1990, p.22).

Com a consciência do fim de uma ação, torna-se possível o uso e fabrico de instrumentos, o que requer conhecimentos tanto das propriedades objetivas dos instrumentos como também das propriedades dos objetos sobre os quais incidirá a atividade de trabalho. Dessa forma o instrumento é, em certo sentido, o “portador da primeira abstração consciente e racional”. (LEONTIEV, 1978, p. 82)

O instrumento é um objeto social cuja utilização implica não apenas possuí-lo mas também dominar a ação que ele realiza. No homem, ao contrário do que se verifica nos animais, o instrumento cria novas operações mentais e motoras.

Segundo Leontiev, (1978, p. 84), o conhecimento humano, cujo início foi dado na atividade instrumental de trabalho, é “capaz diferentemente da atividade intelectual instintiva dos animais de passar ao pensamento autêntico”.

Simultaneamente ao trabalho, e engendrada por ele, surge a linguagem, produto da coletividade e atividade humanas. A produção da consciência e da linguagem está no seu início firmemente atrelada à atividade produtiva. (LEONTIEV, 1978, p. 87)

Segundo Luria (1990, p.24), operações complexas como “análise e síntese da informação recebida, a ordenação perceptual do mundo e o enquadramento das impressões em sistemas” são resultados da linguagem, que medeia a percepção humana.

Para Vygotsky (1996), o começo do comportamento cultural ou histórico se dá com o trabalho e, em relação direta com ele, com o desenvolvimento da fala humana, bem como de outros signos que os homens primitivos utilizavam para o controle comportamental. (p. 52)

A consciência do homem reflete a realidade por meio das significações e conceitos lingüísticos elaborados socialmente, desta forma, a consciência humana “adquire particularidades diversas segundo as condições sociais da vida dos homens e transforma-se na seqüência do desenvolvimento das suas relações econômicas.” (LEONTIEV, 1978, p. 88)

Neste sentido o estabelecimento do sistema de linguagem e dos códigos lógicos pela história social, possibilitou o salto pelo psiquismo humano do sensorial para o racional. (LURIA, 1990, p. 25)

Do modo de vida do indivíduo, determinado pelas relações sociais existentes e pelo lugar por ele ocupado em tais relações depende o desenvolvimento de sua consciência, de seu psiquismo. (LEONTIEV, 1978, p. 89)

Luria ao analisar a consciência humana assinala que:

“(a consciência humana é) a forma mais elevada de reflexão da realidade criada pelo desenvolvimento sócio histórico: um sistema de agentes que existe objetivamente produz a consciência humana, e a análise histórica a torna acessível.” (LURIA, 1990, p. 25)

Além de introduzir um conteúdo novo no mundo mental dos homens, as mudanças sócio históricas criam também formas novas de atividade, e novas estruturas de funcionamento cognitivo (LURIA, 1990, p. 217).

“O comportamento do homem moderno, cultural, não é só produto da evolução biológica, ou resultado do desenvolvimento infantil, mas também produto do desenvolvimento histórico. No processo do desenvolvimento histórico da humanidade ocorreram mudanças e desenvolvimento não só nas relações externas entre as pessoas e no relacionamento do homem com a natureza; o próprio homem, sua natureza mesma, mudou e desenvolveu-se.” (VYGOTSKY, 1996, p.95)

O ser humano é um ser social, cuja atividade vital é o trabalho sendo que, por meio deste, o ser humano realiza o processo de objetivação, ou seja, “a atividade física ou mental dos seres humanos transfere-se para o produto desta atividade.” (DUARTE, 2004).

A vida em sociedade bem como a cultura humana são produzidas e reproduzidas por meio da objetivação. Desta forma, para o ser humano tornar-se humano é necessário que este se aproprie da cultura humana produzida pelas gerações precedentes, ou seja, é por meio do processo de apropriação que as características essenciais humanas, as aptidões humanas historicamente formadas, são reproduzidas no indivíduo.

De acordo com Duarte (1993) “o homem se apropria da natureza objetivando-se nela para inseri-la em sua atividade social. Sem apropriação da natureza não haveria a objetivação do homem.”(p.35)

Segundo Leontiev (1978) “(...) o homem é um ser de natureza social, que tudo o que tem de humano nele provém da sua vida em sociedade, no seio da cultura criada pela humanidade”. Ainda, para Duarte (2004) “a apropriação da cultura é o processo mediador entre o processo histórico de formação do gênero humano e o processo de formação de cada indivíduo como ser humano”.

Por meio da significação o indivíduo se apropria do “reflexo generalizado da realidade elaborado pela humanidade e fixado sob a forma de conceitos de um saber ou mesmo de um saber fazer”. (LEONTIEV, 1978, p.96)

A significação independe da relação individual do homem com esta.

É justamente a possibilidade de se objetivar e de se apropriar, possibilidade esta geradora de humanização do gênero humano, que cria também a base para a alienação. É no processo histórico que o homem se desenvolve, cria as características humanas, torna-se humano. É também ao longo da história que tem origem a alienação.

Com o advento da propriedade privada, os meios de trabalho se separam do homem, ele não produz mais de acordo com determinada necessidade, ele produz, pois, sendo desprovido de bens, o que lhe resta é a venda de sua força de trabalho, de sua atividade vital. O homem vende sua força de trabalho, vende a si próprio, se aliena.

O sentido que a atividade de trabalho tem para ele não coincide com seu significado. O trabalho tem para ele o sentido de salário. A atividade vital passa a ser meio de existência. Seu trabalho é alienado.

No seu trabalho, o homem se objetiva, mas o produto de seu trabalho não lhe é destinado, ou seja, ele não tem acesso àquilo que produziu, a parte que lhe cabe da produção é o salário.

Segundo Marx (2004), quanto mais riquezas o trabalhador produz, mais pobre ele se torna, ele se converte em mercadoria. Quanto mais o trabalhador produz, menos ele pode usufruir. “Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens.” (p. 80)

O desenvolvimento da divisão social do trabalho e, conseqüentemente, da propriedade privada, acarretam a contradição entre, de um lado, as possibilidades desenvolvidas pelo homem e, de outro, a pobreza que cabe aos homens concretos, ou seja, o gênero humano se torna cada vez mais livre e universal, entretanto, isto se dá às custas da alienação dos indivíduos.

As relações sociais nas quais os homens se objetivam se põem a estes como forças naturais e não como produto do próprio homem, por ele modificável. Os homens não são sujeitos das relações que estabelecem entre si, submetem-se a elas como relações estranhas a eles, relações dadas naturalmente.

Ratner (1999), assinala a importância do caráter social das atividades humanas ressaltando as relações de dominação e processos de alienação, mostrando que tal caráter é esquecido pelos pesquisadores contemporâneos da Teoria da Atividade.

Elhammoumi (2001) atenta para a secundarização de conceitos fundamentais da teoria Sócio-Histórico-Cultural nos trabalhos contemporâneos, indicando, no que ele denomina de Teoria Sócio-Histórico-Cultural domesticada, a ausência do materialismo característico da Sócio-Histórico-Cultural.

No Livro “Everyday Cognition – Development in Social Context”, organizado por Barbara Rogoff e Jean Lave, os artigos apresentam estudos etnográficos sobre a cognição em contextos específicos como, por exemplo, a aprendizagem e os conhecimentos utilizados por trabalhadores em fábricas de laticínios, o conhecimento utilizado em comparações de preços em compras em supermercados, o processo de tomada de decisões no âmbito escolar, entre outros. Os autores consideram o contexto social como locus da aprendizagem, desconsiderando que os contextos analisados fazem parte do modo de produção capitalista, ou seja, o tipo de conhecimento utilizado ou aprendizagem realizada é estudado por si só, apenas por seus aspectos cognitivos. Utilizando-se inclusive de categorias próprias dos teóricos clássicos da Teoria da Atividade, por exemplo o conceito de zona de desenvolvimento próximo, desenvolvido por Vigotski, estes autores descaracterizam a Teoria da Atividade, desmembrando-a em meras categorias de análise alienada de uma realidade alienada e alienante. Desconsideram a luta de classes existente na presente sociedade, desconsiderando por tanto o fator da alienação como processo social presente. Consideram o mundo como algo harmonioso, no qual o conhecimento tácito desempenha papel de maior relevância em relação ao conhecimento adquirido histórica e socialmente pela humanidade, isto se torna claro pois em grande parte dos artigos, o conhecimento tácito é enaltecido e posto em contraposição ao conhecimento escolar, devendo este ser trazido à escola.

No livro “Situated Learning - Legitimate peripheral participation”, das autoras Jean Lave e Etienne Wenger, descreve-se a participação periférica legítima como forma de aprendizagem eficaz. Este conceito significa o processo de aprendizagem de novatos (newcomers), por meio dos veteranos (old-timers), de uma dada atividade em uma comunidade da prática (community of practice). As contradições da sociedade são vistas pelas autoras como contradições entre os novatos e veteranos dentro das comunidades da prática, sendo a sociedade um conglomerado de comunidades da prática. As autoras consideram que existam diversos modos de produção, sem especificar nenhum, ignorando desta forma que as comunidades da prática analisadas encontram-se em modo de produção capitalista. Não há alienação no interior das relações sociais, há conflitos. Mas para que a comunidade da prática possa se reproduzir, é fundamental que os novatos consigam partir de uma participação periférica para uma participação completa, assumindo, desta forma, o lugar dos veteranos. Há um forte ataque à

educação escolar através de uma defesa clara de que a aprendizagem somente ocorre de forma real dentro de comunidades da prática, por meio da participação periférica do sujeito, ou seja, na instituição escolar não há participação periférica legítima, enquanto no trabalho, entendido como trabalho de produção (de mercadorias), há uma aprendizagem efetiva pois há uma participação periférica legítima. O indivíduo é reduzido a um membro de uma comunidade da prática. A concepção de conhecimento que defende também está estritamente relacionada às comunidades da prática:

“Knowing is inherent in the growth and transformation of identities and it is located in relations among practioners, their practice, the artifacts of that practice, and the social organization and political economy of communities of practice. For newcomers, their shifting location as they move centripetally through a complex form of practice creates possibilities for understanding the world experienced.” (LAVE, 1991)

Os autores contemporâneos se apropriam da Teoria da Atividade de forma fragmentada, considerando apenas alguns conceitos, utilizando-os como definições de processos cognitivos, desconsiderando questões fundamentais desta teoria, como por exemplo, a alienação. Considerando o fator social como o ambiente onde ocorre a aprendizagem, os autores contemporâneos ignoram o fato de que o homem vive em uma sociedade capitalista, onde a luta de classes existe e desempenha um papel fundamental na formação do sujeito. Desta forma, a Teoria da Atividade explicitada nos trabalhos contemporâneos analisados deixa de se basear no materialismo histórico-dialético, pois apresenta um concepção que desconsidera as condições materiais de existência do homem, o processo histórico de desenvolvimento da consciência, deixando portanto de ser uma concepção dialética de formação do indivíduo.

Em suma, a análise até aqui realizada da bibliografia levantada tem revelado uma tendência a descontextualização das atividades investigadas, as quais não são abordadas por meio de uma perspectiva crítica da sociedade contemporânea, conforme já assinalado por Ratner (1999) e Elhammoumi (2001). Por consequência o tema da alienação encontra-se ausente da maior parte desse universo bibliográfico, o que denota uma ruptura com os autores clássicos da Teoria da Atividade os quais tinham como um de seus principais objetivos o de contribuir para a construção de uma sociedade que superasse a alienação.

### **Referências Bibliográficas:**

- DUARTE, N. **A teoria da atividade e a educação na sociedade contemporânea**. Projeto de pesquisa encaminhado ao CNPq para solicitação de bolsa de produtividade em pesquisa.
- ELHAMMOUMI, M. **Lost – or Merely Domesticated? The Boom in Socio-Historicocultural Theory Emphasises Some Concepts, Overlooks Others**. IN: CHAIKLIN, Seth (org.) – **The Theory and Practice of Cultural-Historical Psychology**. Aarhus, Denamark, Aarhus University Press, 2001.
- LAVE, J ; WENGER, E. **Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation**. New York: Cambridge University Press, 1999.
- LEONTIEV, A. **Desenvolvimento do Psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.
- LEONTYEV, A. **Problems of the Development of the Mind**. Moscou (URSS): Editora Progresso, 1981.
- LURIA, A. **Desenvolvimento Cognitivo: Seus Fundamentos Culturais e Sociais**. São Paulo: Ícone, 1990.
- MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- RATNER, C. **Three Approaches to Cultural Psychology: a Critique**. IN: Cultural Dynamics, 11, p. 7-31. London (UK), Thousand Oaks (USA), New Delhi (India): SAGE Publications, 1999.
- ROGOFF, B ; LAVE, J. **Everyday Cognition: Development in Social Context**. New York: toExcel, 1999
- VYGOTSKY, L. ; LURIA, A. **Estudos Sobre a História do Comportamento: Símios, Homem Primitivo e Criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996